

TRADIÇÃO ORAL, MEMÓRIA E NARRATIVA: CONSIDERAÇÕES SOBRE O VELHO KAITAMBA EM *OS ESTANDARTES* (1995), DE ALINE FRANÇA

Daniela dos Santos Damasceno¹

Resumo: Em contrapartida à opressão e o abandono que caiu sobre os velhos com a sociedade industrial, comunidades resistem e preservam o dom de ouvir, e contar histórias. Portanto, em sociedades outras, onde os costumes, modos de vida, não se corromperam pela hegemonia do individualismo, o velho é tido como um bem maior social daquele povo. Essas sociedades são muitas vezes representadas por autores e autoras preocupados com a ancestralidade e tradição, a exemplo de Aline França. Na sua obra *Os estandartes* (1995), Aline França nos convida a mergulhar em costumes, lendas e traços culturais que são marcadamente africano-brasileiros. O velho Kaitamba, um dos personagens da obra, nosso foco de análise, personifica a sabedoria dos ancestrais, todos o respeitam e ouvem. A partir deste contexto, este artigo tem como objetivo refletir acerca da tradição oral, memória e narrativa, a partir da representação literária do velho como guardião da memória na obra *Os estandartes* (1995), de Aline França. Ademais, se propõe a compreender de que forma a conservação do passado interligado ao presente possibilita ressignificar a formação identitária dos mais novos? Centraliza-se na análise de três personagens do romance, a saber: Kaitamba, Cajimbã e Mamba. Para tal fim, recorremos a autores como Benjamin (1985), Halbwachs (2006), Hampaté Bâ (2010), dentre outros, que se fazem pertinentes às discussões, bem como para a compreensão das categorias conceituais e teóricas, a saber: tradição oral, narrativa, memória, experiência, identidades e representação, como também para análise das informações produzidas durante as reflexões.

Palavras-chave: narrativa, memória, identidade.

Sabe-se que, no contexto da cultura africana, a tradição oral é a fonte histórica mais íntima e autêntica do continente. Como bem assinala Hampaté Bâ (2010), a tradição oral aparece como repositório de memórias, e o vetor do capital de criações socioculturais acumuladas pelos povos ditos sem escrita: um verdadeiro museu vivo. Assim, “seus guardiões são os velhos de cabelos brancos, voz cansada e memória um pouco obscura, rotulados às vezes de teimosos e meticulosos (veilliesse oblige!): ancestrais em potencial” (BÂ, 2010, p. 37). Segundo o autor, a tradição oral se baseia em uma concepção do homem, do seu lugar, do seu papel no seio do universo. Esta forma envolve uma visão particular do mundo, ou melhor, uma presença particular no mundo. Desta forma, no seio das famílias, a tradição oral conta com a participação dos

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens, da Universidade do Estado da Bahia, Campus I. Bolsista da CAPES. Orientada pelo professor Dr. Marcos Aurélio dos Santos Souza. Email: danisrad2010@gmail.com

mais velhos, que ministram ensinamentos ligados às circunstâncias da vida (experiências vividas), mas também por meio de histórias, fábulas, lendas, em que evocam os grandes feitos dos seus ancestrais.

Muitos estudiosos costumavam/costumam afirmar que tradição oral não inspira confiança porque ela é funcional; mas, segundo Hampaté Bâ (2010, p. 43) “toda mensagem humana é funcional, incluindo-se nessa funcionalidade os documentos de arquivos que, assim como os testemunhos orais, são testemunhos humanos”. No entanto, o que se encontra por trás do testemunho é o próprio valor do homem e conseqüentemente da sua palavra. Conforme os escritos de Munanga (2009):

Pelo uso da palavra e do gesto, o homem pretende apropriar-se de uma parte importante da força que irriga o universo e utiliza essa força para as suas próprias finalidades. As palavras são eficazes porque são carregadas de forças. A palavra, na África, pode não só curar como também matar, porque é carregada de uma força vital importante. (MUNANGA, 2009, p. 34).

Dessa maneira, a palavra falada apodera-se de um valor moral, vinculando-se a sua origem divina, aos seus ancestrais, conseqüentemente não pode ser usada sem prudência, mas com fidelidade. Por isso, alguns acreditam que por sua própria inércia e sob sua aparente neutralidade objetiva, a tradição escrita, tende a esconder mentiras por omissão e revestir o erro de respeitabilidade. Pois, como salienta Hampaté Bâ (2010):

Por mais útil que seja o que é escrito se congela e se desseca. A escrita decanta, disseca, esquematiza e petrifica: a letra mata. A tradição reveste de carne e de cores, irriga de sangue o esqueleto do passado. Apresenta sob as três dimensões aquilo que muito frequentemente é esmagado sobre a superfície bidimensional de uma folha de papel. (BÂ, 2010, p. 39)

Contudo, é importante ressaltar que o texto literário oral retirado de seu contexto é como peixe fora da água: morre e se decompõe. Hampaté Bâ (2010) afirma que, quando isolada, a tradição assemelha-se a essas máscaras africanas arrebatadas da comunhão dos fiéis para serem expostas à curiosidade dos não iniciados; isto é, não reflete o seu devido valor e significado, perde sua carga de sentido e também de vida. Conforme o autor, por sua própria existência e por ser sempre retomada por novas testemunhas que se encarregam de sua transmissão, a tradição oral adapta-se ao entendimento humano, às expectativas de novos ouvintes, a palavra é constantemente recriada sem deixar intacta a unidade primordial, o conteúdo:

Para o africano, a palavra é pesada. Ela é fortemente ambígua, podendo fazer e desfazer, sendo capaz de acarretar malefícios. É por isso que sua articulação não se dá de modo aberto e direto. A palavra é envolvida por apologias, alusões, subentendidos e provérbios claro-escuro para as pessoas comuns, mas luminosos para aqueles que se encontram munidos das antenas da sabedoria. Na África, a palavra não é desperdiçada. Quanto mais se está em posição de autoridade, menos se fala em público. (BÂ, 2010, p. 40)

Hampaté Bâ, porém, enfatiza um dos limites da tradição oral, sendo este a impossibilidade de ser transferida integralmente de uma língua para outra, especialmente quando esta outra se encontra estrutural e sociologicamente distante (culturas e significações distintas). Partindo desse pressuposto, “A tradição oral acomoda-se muito pouco à tradução. Desenraizada, ela perde sua seiva e sua autenticidade, pois a língua a “morada do ser”. (BÂ, 2010, p. 40). Assim, o discurso na tradição oral manifesta e revela o conjunto de usos e valores que animam uma determinada cultura que, rememora seus guerreiros e guerreiras, suas forças ancestrais, um povo que volta ao passado para construir o futuro.

Desse modo, através da transmissão oral, sociedades pré-modernas, ensejavam a vocalização da cultura por intermédio do compartilhar memórias comuns que, de certo modo, garantiam a existência de uma experiência coletiva em um mesmo ambiente de prática e linguagem. Segundo Halbwachs (2006) a memória individual prove o conhecimento da memória coletiva, isto é, a memória individual é na verdade um ponto de vista da memória coletiva, considerando que “para evocar o próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer as lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinadas pela sociedade. (HALBWACHS, 2006, p. 72). Logo, a memória é um instrumento sociológico. Portanto, é a ausência da memória que dissolve a experiência que é transmitida oralmente. Benjamin demarca que, a memória é a mais épica de todas as faculdades:

Mnemosyne, a deusa da reminiscência [...] A reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração a geração [...] Ela tece a rede que em última todas as histórias constituem entre si. Uma se articula na outra (uma história nova em cada passagem da história que está sendo contada). Tal é a memória épica e a musa da narração. (BENJAMIN, 1985, p. 211)

Sabe-se que, é por meio da linguagem que compartilhamos experiências pessoais e coletivas. Em “O narrador” (1985), Walter Benjamin observa que, através das grandes transformações ocorridas na vida econômica, social e política dos indivíduos no final do século XIX e início do século XX, a arte de contar e ouvir histórias se tornou cada vez mais rara. Para Benjamin, a instauração da modernidade foi acompanhada do empobrecimento da experiência, isto é, impossibilidade da elaboração e comunicação da experiência coletiva.

De acordo com o autor, no final da guerra mundial observou-se que, os combatentes voltavam mudos do campo de batalha, isto é, pobres em experiência comunicável. Evidenciou-se que, a experiência nos tempos modernos foi substituída por uma experiência inautêntica, marcada pela presença do indivíduo isolado, que não se reconhece nem reconhece os códigos sociais. Conforme Benjamin, o declínio da experiência atingiu a linguagem, repercutiu também em outras dimensões da vida humana que são conexas a linguagem, a exemplo da narração.

Em contrapartida, à opressão e o abandono que caiu sobre os velhos na modernidade, comunidades resistem e preservam o dom de ouvir, conservar e contar histórias. Portanto, em sociedades outras, onde os costumes, modos de vida, não se corromperam a hegemonia do individualismo, o velho ou ancião é tido como o maior bem social daquele povo. É ele o responsável por transmitir oralmente aquilo que aprendeu, o saber existencial, coletivo, oriundo de vivências profundas. Vale salientar que:

As narrativas orais, ouvidas dos velhos, não podem ser percebidas como invenções particulares, uma vez que mesmo se configurando como histórias pessoais, são influenciadas, indubitavelmente, pela voz narradora, seu meio de interação, suas ordens morais, sociais e outros aspectos e tais. É lícito dizer que, pelo exercício de contar e recontar histórias sustenta-se a ciência do sujeito sobre si mesmo e sobre os outros com os quais interage em comunidade. (NASCIMENTO, 2011, p. 454)

Essas sociedades são muitas vezes inspiração e evocadas a partir dos escritos de autores e autoras preocupados com a ancestralidade e tradição, a exemplo de Aline França.

A escritora nasceu em Teodoro Sampaio-Ba, recôncavo baiano, no ano de 1948. Seu pai, Bento Ramos França, era ferreiro e um grande contador de histórias. Apesar de

trabalhar com seus pais mesmo quando criança, sempre se dedicou à escrita. Na década de 70, ingressou como telefonista no Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia e, no ano de 1982, após ser eleita suplente de um vereador, em Salvador-Ba, integrou comissões julgadoras em vários concursos como *Miss Afro-Bahia* (1982) e *Festival de Música Popular* (1985). Ademais, Aline França dirigiu espetáculos populares, shows como *Coisas da Terra*, em 1983, e *Bahia Africanismo*, em 1984.

A escritora participou da antologia *Poetas Baianos da Negritude* com o texto *Mensagens dos Nossos Ancestrais* no ano de 1982. Além de realizar palestras no âmbito nacional, no ano de 1990, Aline França proferiu palestras na Bélgica e participou de seminários organizados por associações femininas européias e latino-americanas. A escritora foi entrevistada por jornalistas do Brasil, Estados Unidos, Nigéria, Alemanha, Itália e Holanda. Dentre suas obras literárias estão a *novela Negão Dony*, lançada em 1978, o livro narra a história de um funcionário do manicômio do estado, que conhece profundamente o candomblé.

O seu segundo livro *A mulher de Aleduma* foi lançado em 1981. Essa repercussão fez com que a autora obtivesse reconhecimento crítico no meio literário baiano. Em 1981 a revista nigeriana *Ophelia*, fez uma entrevista com Aline França. Publicada em língua inglesa no ano seguinte, a revista de circulação internacional, colocou Aline França entre os precursores da literatura contemporânea, no gênero “ficção em estilo surrealista”. as populações afro-brasileiras são engrandecidas, apontando o pertencimento cultural negro e afirmação da identidade negra.

O livro evoca a reescrita da história contada e não contada, à medida que nos apresenta uma nova gênese, a gênese negra. Os heróis de Aline França são possuidores de uma força incomum, de um poder sobrenatural que a autora conhece dos rituais da religião afro-brasileira do candomblé e que ela procura apresentar de diversas formas. No romance, tal poder é transmitido a todos os negros que aceitaram a mensagem do planeta Ignum, o planeta de origem do velho Aleduma, o guardião dos valores ancestrais.

O livro também foi adaptado para o teatro, apresentado em Salvador, e foi ainda tema de e enredo de um grupo carnavalesco local (do afoxé *Zambia-Pomba*, em 1986), conhecendo um impressionante sucesso no seio do povo negro da Bahia.

A preocupação principal que emana da obra de Aline França é a preservação e mesmo a revitalização dos valores culturais próprios ao mundo negro, oferecendo pela ficção aos leitores razões para orgulharem-se de suas origens, de sua herança cultural e de sua identidade. De acordo com Moema Parente Augel (2011), a consciência histórica em Aline França está inserida na sua dimensão “local”, situacional, específica: a autora sabe-se pertencente à periferia, ao mundo subalterno, dicotomizado na vivência de ser negra e afro descendente numa sociedade que se proclama branca e euro centrada.

Publicado por Aline França no ano de 1995 *Os estandartes* narra a força cultural de um povo denominado fortiafri e os mistérios dos seus estandartes, ao tempo em que explicita outras formas de pensar a cultura e a ancestralidade negra e de compreender também a natureza. Uma narrativa fantástica, na qual seres superiores, os enigmáticos fortiafri, alimentados pelo sol que lhe transmite sabedoria, coragem e equilíbrio, procuram passar aos habitantes da Terra uma urgente mensagem, relativa à preservação da natureza, sobretudo das águas do planeta e da vegetação. Sobressai no texto um grande poder de descrição do ambiente, de modo que, a ação parece se desenrolar em algum ponto do continente africano, mais especificamente em Kanda, povoado distante das mazelas da civilização.

A obra foi adaptada para o teatro e apresentada durante as comemorações pelos 300 anos de Zumbi dos Palmares. Em 2005, França publicou sua obra *Emoções das Águas*, que também foi adaptado ao teatro com o nome *As Fontes Antigas de Salvador e Seus Convidados*.

A partir desse contexto, este artigo concentra-se em refletir sobre a representação do velho como guardião da memória, a partir do personagem Kaitamba, centralizado na obra como o contador de histórias do povoado de Kanda. Também, compreender de que forma a conservação do passado interligado ao presente possibilita ressignificar a formação identitária dos mais novos? Para isto, recorreremos à análise de trechos da narrativa e seus personagens.

O velho Kaitamba: guardião da memória

O livro *Os estandartes* (1995) narra a história de um povoado denominado Kanda, e dos seus moradores que, transitam entre diferentes espaços, representando a

junção de mundos diferentes, de outros planetas, de terras estranhas, de realidades cotidianas às desconhecidas e extraordinárias. No entanto, na narrativa se sobressai um grande poder de descrição do ambiente, a ação parece desenrolar-se em algum ponto do continente africano, distante das mazelas da civilização. Percebe-se no povoado de Kanda a marca da tradição oral, e o ambiente criado por Aline França propícia tal feito. Nota-se que, ao contar histórias, os moradores da região rememoram acontecimentos dos seus antepassados, como se observa no trecho a seguir:

[...] além do rio, era o verde da floresta que fazia caminhos escuros, as sombras dos zambeiros atraíam os moradores para contar histórias, principalmente à dos fortiafri, que apareceram sem ninguém saber de onde e ajudaram na reconstrução” (FRANÇA, 1995, p. 21)

No seu texto, Benjamin (1985) separa o narrador em duas categorias: marinheiro e o camponês. Esses dois estilos de vida produziram de certo modo suas respectivas famílias de narradores. Isto é, aquele narrador que vem de longe “viaja muito”, portanto, conta as histórias de diversos lugares e aquele narrador que ganhou sua vida honestamente sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. De acordo com Benjamin (1985):

A narrativa que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão- no campo, no mar e na cidade-, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim, se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (BENJAMIN, 1985, p. 205)

Nota-se que, o velho Kaitamba é o narrador que conta as histórias sobre um mesmo lugar. Eis o trecho que exemplifica a afirmação anterior:

A lua pálida continuava a derramar a claridade. Ele deu uma pancadinha na face, depois seguiu o caminho estreito que dava no rio, sentou-se no topo da pedra de Batum, meditando. Era de costume que tinha desde os primeiros anos de vida (FRANÇA, 1995, p. 24)

O início do enredo demarca a marca da exploração vivenciada por alguns moradores daquele povoado, mas também, a resistência e empoderamento dos seus guerreiros. Assim, com o intuito de afirmar seus valores ancestrais, em “Os

estandartes”, a autora cria heróis negros, denominados fortiafri, os mesmos possuem inteligência e habilidades superiores. No enredo, os fortiafri têm por missão alertar o mundo sobre a espiritualidade e preservação da natureza. Além disso, ao lutarem por melhor condição de vida seus atos demarcam solidariedade ao outro e esperança por um mundo melhor. Por isso, seus feitos e majestade são sempre evocados e rememorados pelos demais personagens, em especial pelo velho Kaitamba.

Segundo Benjamin (1985), o grande narrador tem sempre suas raízes no povo, nas camadas artesanais. Logo, a narração e a tradição oral agregam a comunidade, a partir de um valor ou até mesmo de uma moral específica. Benjamin (1985) observa que, as histórias narradas não individualizam o sujeito, mas dá a ideia de uma coesão social. Portanto, assim definido:

[...] o narrador, figura entre os mestres e os sábios. Ele sabe dar conselhos: não para alguns casos, como o provérbio, mas para muitos casos, como o sábio. Pois pode recorrer ao acervo de toda uma vida (uma vida que não inclui apenas a própria experiência, mas em grande parte a experiência alheia. O narrador assimila a sua substância mais íntima aquilo que sabe por ouvir dizer). Seu dom é poder contar sua vida; sua dignidade é contá-la inteira. O narrador é o homem que poderia deixar a luz tênue de sua narração consumir completamente a mecha da sua vida. [...] figura na qual o justo se encontra consigo mesmo. (BENJAMIN, 1985, p. 221)

Em “Os estandartes”, a fala do velho Kaitamba, ressoa tal como repercutisse na nossa memória a voz ancestral dos tradicionais contadores de histórias, salvaguardas da arte milenar da oralidade. Desse modo, dotado de uma memória prodigiosa, o velho Kaitamba arquiva os fatos passados transmitidos pela tradição conservados por ele. Nesse sentido, Benjamin (1985) entenderá a narrativa como transmissão de experiências entre gerações, ao estabelecer relação entre os fatos narrados com fatos vivenciados, não seria, portanto, possível conceber narrativa sem a concepção de memória. Como bem demarca “a experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte que recorrem todos os narradores” (BENJAMIN, 1985, p. 198). Assim, O narrador transcende a memória individual, sendo a memória sempre coletiva e, desta maneira, social.

Percebe-se que, o velho Kaitamba registrou na sua memória, os cenários e os grandes feitos dos seus ancestrais. A sua neta Mamba, ouvinte fiel, não se cansa de ouvi-lo contar histórias, com as mesmas palavras, inúmeras vezes, em especial a dos

fortiafri, como no trecho “Durante muitos anos, sempre quando alguém pede para você contar uma história, sinto que a que mais lhe fascina é a dos fortiafri. Sente muita emoção” (FRANÇA, 1995, p. 25). No entanto, a cada (re) contar, a história ganha vida, tudo que era passado se torna presente.

Eis um trecho em que Kaitamba narra a história dos fortiafri:

E então os fortiafri que aqui viviam, eram um povo cheio de coragem. Batum, um filósofo, quero dizer, um grande pensador, recebia a iluminação dos espectros solares, e com isso adquiria ideias. Procuravam combater todos os tipos de preconceitos. Sabiam que os povos estavam atravessando dificuldades. Pois é, pegaram seus estandartes e rumaram pra terras desconhecidas. E entraram na luta. Retornaram a Kanda, mas não deixaram de ficar atentos aos conhecimentos do mundo. O lugar secreto em que se reuniam fica atrás da Garganta das Setes Luas. A jovem Zumma, por exemplo, quando chegava das grandes lutas, ficava vários dias andando pela floresta, dizia que a energia das plantas e a temperatura dos animais davam-lhe ideias e coragem. Comprovaram nas grandes assembleias, que o homem irá perder o controle do mundo, nem mesmo a tecnologia irá fazer o homem moderno solucionar os seus problemas, que serão graves: a fome o desemprego. Tudo que faz a vida. A insensibilidade irá crescer dentro de cada um. (FRANÇA, 1995, p. 44-45)

Na contação de história, existe o lado épico, isto é, sabedoria. Tornar-se o experiente narrador, que conta e vive experiências diversas, fez do velho Kaitamba respeitado e ouvido, uma vez que, ele concretiza a junção entre narrativa e vida. Assim, nota-se em Kaitamba a responsabilidade em resolver as demandas do povoado de Kanda, isto é, cabe a Kaitamba mediar situações de desequilíbrio, e de a partir dos seus conhecimentos e sabedoria, restabelecer a harmonia da sua comunidade. O seu contar reflete à natureza da verdadeira narrativa:

[...] ela tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir, seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida- de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos (BENJAMIN, 1985, p. 200)

Segundo Benjamin (1985), contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Conforme o autor, as histórias se perdem porque ninguém mais fia ou tece enquanto as ouve. Existe, portanto,

em “Os estandartes”, cumplicidade e interesse em quem narra, neste caso o velho Kaitamba em relação a quem ouve, seja os moradores do povoado de Kanda e em especial a sua neta Mamba: “Oh! Que prazer ouvir um pouco da sua juventude!” (FRANÇA, 1995, p. 27). Como bem demarca Benjamin no trecho que segue:

[...] a relação ingênua entre o ouvinte e o narrador é dominada pelo interesse em conservar o que foi narrado. Para o ouvinte imparcial o importante é assegurar a possibilidade de reprodução. A memória é a mais épica de todas as faculdades. (BENJAMIN, 1985, p. 2010)

A valorização da memória é importante para a ressignificação da identidade de um povo. Por intermédio do seu avô Kaitamba, abre-se para Mamba um manancial de saberes antepassados que revigoram o seu presente. Kaitamba, mestre no ensinamento, transmite a Mamba novidades, aconselhando-a a preservar os feitos e as tradições dos seus ancestrais. Mamba, como símbolo do “mais novo”, assimila as narrativas orais, transmitidas por Kaitamba, a sua própria existência. Como bem assinala Nascimento (2011):

Com os velhos é que se pode promover a continuidade da cultura e da educação da gente adulta do presente e dos pósteros, das gerações futuras, pois permitem, em sua experiência, reviver o que já passou, como as histórias e tradições de um tempo ido, mas que permanecem, de alguma maneira, nos rastros de suas lembranças partilhadas. (NASCIMENTO, 2011, p. 456)

Nesse sentido, o velho Kaitamba instaura, a partir das narrativas, oportunidades de trocas de experiências e interações que difundem saberes, logo mais irresistivelmente Mamba cederá a inclinação de recontá-las um dia, de germinar as lições captadas e aprendidas através do seu avô.

Considerações finais

As narrativas que pontuam a presença do velho como figura sagrada e imprescindível na conservação da memória coletiva, do saber e da experiência, revisitam práticas ancestrais fundamentais na tarefa de mediar valores antigos e valores que se estendem a sociedade contemporânea. No plano da literatura, em especial nos escritos de Aline França, ratificam a necessidade de reconhecer os aspectos identitários que determinam uma cultura, mas também de pensar a tradição oral como

imprescindível para perpetuação de ensinamentos e preservação de uma dada cultura. Assim, é através do ato de rememorar, que povos diversos resistem ao processo massificador da modernização, e, portanto, conseguem preservar e ressignificar práticas e costumes, impressos na mais épica de todas as faculdades: a memória.

Referências Bibliográficas

BÂ, A Hampaté. **A tradição viva**. In: História Geral da África I: metodologia e pré-história da África. Editor: J. KI-ZERBO, 2ed. Revista Brasília: UNESCO, p. 181-218, 2010.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Magia técnica e arte, arte e política- ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985. (Obras escolhidas I).

FRANÇA, Aline. **Os estandartes**. Rio de Janeiro: Ed. BDA- Bahia, 1995.

MUNANGA, Kabengele. **Origens africanas do Brasil contemporâneo**: histórias, línguas, culturas e civilizações. São Paulo: Global, 2009.

NASCIMENTO, Lidiane Alves do; RAMOS, Marilúcia Mendes. **A memória dos velhos e a valorização da tradição na cultura africana**: algumas leituras. Crítica cultural, Palhoça, SC, v. 6, n. 2, p. 453-467, jul./dez. 2011.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.